

Do inútil e necessário

Bruno Santos Alexandre¹

O livro que temos em mãos leva o título de “Conhecer é criar: um ensaio a partir de F. Nietzsche”. Vale dizer, já simplificando e complicando, que tal livro é um livro de filosofia. Antes de tudo, faz-se mister salientar que esta última afirmação guiará nossa resenha. Todavia, acalmem-se, ainda é cedo, nossa impressão de leitura ficará mais clara com o transcorrer do texto, ao menos é o que almejamos.

O livro em questão é fruto de uma disciplina ministrada por seu autor, Gilvan Fogel, junto ao curso de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sem demora, perguntamo-nos: qual seria o nome da referida disciplina? Teoria do conhecimento. Espanto! Sim, um ensaio com base no pensamento de Nietzsche sendo usado num curso sobre teoria do conhecimento, lugar no qual geralmente encontramos autores que trazem à baila a relação entre sujeito e objeto. Lembremos de nossa afirmação inicial: nos encontramos junto a um livro de filosofia. Ora, dessa maneira o que seu autor nos propõe não é nada menos do que escrever sobre filosofia, mais do que isso, fazer filosofia, parece óbvio. Contudo, ainda está tudo muito confuso e não ficou claro o ponto a que queremos chegar, voltaremos em breve à esta questão. Antes disso, falemos mais da estrutura do livro. Ele se subdivide em três partes. Na primeira parte Gilvan Fogel discute o problema do conhecimento, mais especificamente, dialogando com a tradição da teoria do conhecimento. Na segunda parte, o problema do conhecimento é abordado à luz de um aforismo de Nietzsche, intitulado “Do imaculado conhecimento”, presente no livro Assim falava Zaratustra. Na terceira e última parte, podemos visualizar o choque das duas partes anteriores, culminando numa bela discussão acerca da filosofia, dito de outra forma, da vida, do conhecimento, só que dessa vez com toda a bagagem das duas partes iniciais nas costas. É importante assinalar que a forma como o tema é exposto se assemelha mais a um bate-papo do que a uma exposição formal. O título já nos traz uma pista, trata-se de um ensaio e não de uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado. Mais do que isso, podemos, sem

¹ Graduação – Filosofia UFPR.

abuso, encarar o ensaio de Gilvan como uma conversa da vida com ela mesma (!). Por conseguinte, a resenha em voga já se encontra, também, arraigada ao livro e no âmbito da própria filosofia, por esse motivo, não nos limitaremos a fazer aqui uma simplória e distante descrição do mesmo – embora, em se tratando de uma resenha, seja permanente o risco de fazermos justamente isso. Esperamos que, sem estranheza, esta nossa impressão de leitura confunda-se com as entranhas do livro, e como o livro pode ser encarado como a vida papeando consigo mesma...

Contudo, sejamos filosóficos e comecemos do começo, que, de uma certa maneira, já é tudo o que temos. Pois bem, o livro tem a intenção de levantar a questão do conhecimento. Indagamo-nos, pois, onde se dá o conhecimento? Na vida. Arriscamos dizer que o conhecimento é a própria vida. E vida, onde encontramos? Na pergunta pelo real, que é a questão fundamental de toda a filosofia. Não obstante, a tradição da teoria do conhecimento também trata do real. Entretanto, o que nela acontece é, então, o famoso esquema sujeito/objeto, assim, tenta-se reduzir a realidade a uma proposição, a um esquema pré-moldado e assegurado. Um sujeito que teria diante de si um objeto, com o qual ele se relacionaria. A junção, nesse caso, seria a relação pré-asegurada². Ora, como se pode desunir e novamente reunir o que sempre se deu? E ainda mais, desde um ponto de vista fora da vida? Agora, faz-se necessário relembrar: filosofia e metafísica dizem vida dialogando consigo mesma, perspectiva que se volta sobre si. Com efeito, a pergunta pelo real só poderia se dar e aparecer desde si mesma. A questão se impõe a partir da existência de um ente que cuida de seu próprio ser. Falar do real, da vida, de experiência ou *pathos* fora da própria experiência seria sair da filosofia, da metafísica e da vida mesma. Com isso, a teoria do conhecimento malogra na sua tentativa de explicar o modo de ser do homem por não entender o homem como possibilidade e transcendência³, compreendendo-o, ao contrário, como sujeito que precisa chegar aos objetos. Uma tentativa esquemática de garantia de vida é o que ela nos oferece. É nesse ritmo que a primeira parte do livro desenrola-se. Obviamente, o que exemplificamos aqui é uma pequena faísca de tudo o que é discutido nesses calorosos pontos.

² Neste ponto, convém lembrarmos de Heidegger em Sobre a essência da verdade: "Que nos restará para investigar se admitirmos que sabemos o que significa a concordância de uma enunciação com uma coisa? Mas sabemos nós isto?" HEIDEGGER, M. **Sobre a essência da verdade**. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 157.

³ Transcendência, é dita aqui, não no sentido de conhecer como coisa-em-si uma dada "coisa". Mas no sentido de queda do ser dos entes, ou seja, no interesse de vida. Na sua lida.

A partir da segunda parte do livro o nome de Nietzsche começa a ser mais citado, já que é feita uma minuciosa interpretação de seu aforismo. Nesse ponto, é válido ressaltarmos que se dermos uma breve passada pela bibliografia encontraremos mais títulos de poesia e literatura do que propriamente de filósofos⁴. Mas, como já disse Hölderlin e, muito tempo depois, foi retomado por Heidegger, “poeticamente o homem habita”. Antes de tudo, o homem é escuta. Reunião. Clamor do verbo, da ação e da experiência. Não há homem fora do verbo. Disso não se segue que o *sujeito* é o produtor da ação, não! O homem é que pertence à vida, e se encontra sempre perpassado por uma perspectiva. Assim, Nietzsche compreende vida como dor, afinal, vida é algo de que não se tem posse. Nesse fio, o conhecimento é a vida de todo homem, pois conhecimento é a sua tendência à forma, por meio da qual vida se dá. A solução dada pela teoria do conhecimento seria fuga, trapaça e puro ressentimento. Agora, mais do que nunca, devemos ressaltar que não há neste livro nenhum anseio ingênuo ou paladino de forjar uma receita de como se viver de uma forma mais própria. Há sim o anseio de ver o que aparece, o que vive, o que brota, dito de outra forma, a queda na vida. Mesmo porque, segundo Heidegger, Fogel ou Nietzsche, vida é impropriedade e queda no mundo. Uma simples abertura, ou podemos dizer, até mesmo, um buraco, onde tudo se revela.

Dito tudo isso, voltamos ao começo. Lembremos do que foi anunciado no início: um livro de filosofia. Então, alertamos, a questão que se impõe está sempre tão perto que fica até difícil enxergá-la. E o que faz, de fato, a filosofia? Olha para o chão que pisa, procurando enxergar toda realidade que pode ser vista, tudo o que brota. Sendo mais sintético, o que a filosofia faz é simplesmente *ver o ver*. Por isso dissemos que o que está sendo resenhado aqui é um livro de filosofia. O conhecimento foi, apenas, o ponto de partida, o foco principal, o lugar para onde se viravam todos os holofotes. No entanto, a radicalidade da questão se faz valer em todo estudo que for feito em filosofia. No limite, compreendendo-a por vida ou conhecimento, o que temos? Tendência para a forma, vontade de poder. O tenso fio da corda estendida sobre um fundo infundado. Em resumo, o que nos é inútil e necessário.

Fica claro que toda a complexidade das questões não foram e nem serão tratadas aqui, recomendamos, portanto, que leiam o livro, encarando-o

⁴ Agora, uma questão deve ser levada em conta: em que medida pode-se dizer que autores como Machado de Assis, Dostoiévski ou Guimarães Rosa não se ocupam com filosofia – o que aqui quer dizer: vida? Infelizmente, essa discussão fica para outra oportunidade.

como sua própria biografia, isto é, do *ente que eu sou*. Por fim, nas palavras de F. Nietzsche:

“Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais – que entre todos esses sonhadores também eu, o “homem do conhecimento”, danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres-de-cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos é e será, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores, e, precisamente com isso, a duração do sonho.”⁵

Referências bibliográficas:

- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
HEIDEGGER, M. **Sobre a essência da verdade**. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

⁵ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p. 92.